Copia

Delegacia de Policia na Cidade de Campos, 12 de Maio de 1877. Illmo e Exmo Snr. Por telegramma já communiquei a V.Exa. a tentativa de insurreição na fazenda do Queimado, pertencente ao Commendador Julião Ribeiro de Castro; passarei agora á expôr circumstanciadamente o occorrido: Depois da meia noite veio á minha residencia o Tenente João Corrêa dos Santos, Commandante do destacamento do Corpo policial n'esta cidade, apresentar-me uma carta do Major José Julião Ribeiro de Castro, na qual elle pedia ao seo medico Dr. Lourenço Maria de Almeida Baptista que procurasse as autoridades policiaes para communicar-lhes haver elle e seo pai, o Commendador Julião Ribeiro de Castro, dono da referida fazenda, recebido de um escravo denuncia de que seriam assaltados pela escravatura ao romper do dia. Morando o medico quasi em frente do quartel, foi immediatamente entregar essa carta ao Tenente Corrêa. Determinei immediatamente a marcha da força policial e municipal commandada pelo mesmo Tenente, e segui com ella e o subdelegado da cidade á uma hora da madrugada; chegados á testada da fazenda, deixei-os na estrada, e entrei só para combinar com o proprietario da fazenda acerca da maneira de mais facilmente capturar os escravos, visto ser essa fazenda uma das maiores deste municipio e ter grande numero

á vista da diminuta força, de que dispunha. As 2 horas da madrugada fiz entrar a força e a dispuz do melhor modo que foi possivel, conseguindo a prisão de todos os escravos, os quaes dormião nas senzalas, e interrogando-os verifiquei que a denuncia tinha sido verdadeira, e que o plano parece ser mais vasto. O crioulo Manoel do Sacramento, um dos escravos dessa fazenda, aprendêo particularmente a ler e escrever, e vinha de noite á cidade comprar o "Monitor" e outras folhas incendiarias que se publicão n'esta cidade; as lia e as explicava aos seos companheiros, que facilmente comprehenderão que tinhão direito á sua liberdade e de resistirem á seos senhores. A idéa de se insurgirem logo os dominou; mas Manoel do Sacramento recommendava-lhes que esperassem pelo grito de liberdade, que partiria brevemente d'esta cidade; mas não vendo de prompto realisada essa promessa resolverão tomar a iniciativa. Durante o dia 9 do corrente entrarão a mostrar-se negligentes no serviço, chegando mesmo a largarem as ferramentas na roça e deitarem-se á sombra das arvores fumando cigarros; os carreiros deixavão os animaes seguirem ao acaso com os carros, recebendo com mofa e escarneos qualquer advertencia que se lhes fazia. Isto acontecer reuni-

plano de insurreição

rão-se em um dos edificios da fazenda, conhecido por cocheira, para deliberarem e ficou apontado de não se dispersarem afim de invadirem ás 8 horas o sobrado dos senhores quando estivessem tomando chá; então o crioulo Marcelino, que estava de ronda, mas que tambem assistia á reunião, pedio-lhes que marcassem outra hora para o não comprometterem, no que foi attendido, ficando então apontado que o rompimento teria lugar ao amanhecer. Mas quiz o acaso que um rapaz pagem tivesse noticia do negocio e foi avisar os senhores. Nessa mesma noite abandonarão a fazenda do Poço d'Anta 12 escravos e 4 escravas e vierão á cidade declarar que não estavão dispostos a continuarem a servir. Foi nessa mesma fazenda que os escravos assassinarão a seu senhor José Antonio Barroso de Siqueira, em Janeiro de 1873, sendo supplicados 4. A' vista do que exponho conhecerá V. Exa a necessidade que tenho de reiterar os meus pedidos acêrca de se conservar o destacamento policial com mais de 30 praças de pret, incluindo-se algum inferior, e armar-se melhor a guarda municipal. Por ordem do Commandante do Corpo Policial retira-se o Cabo Ludgero de muita confiança como já expuz á V. Exa e o anspeçada. Deus Guarde á V. Exa Illmo e Exmo Senr. Dor Chefe de Policia da Provincia do Rio de Janeiro. Antonio

Acontecimento em outra fazenda

Rodrigues da Costa, Delegado de Policia

Está conforme,

O Empregado da Camara,

Antonio Francisco Leal